

Daniela Santos Soares
nº de aluno 23807

Consumo problemático de drogas em contexto escolar – avaliação numa escola da
cidade do Porto

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2013

Daniela Santos Soares
nº de aluno 23807

Consumo problemático de drogas em contexto escolar - avaliação numa escola da
cidade do Porto

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2013

Daniela Santos Soares
nº de aluno 23807

Consumo problemático de drogas em contexto escolar - avaliação numa escola da
cidade do Porto

O aluno

Daniela Santos Soares

Projeto de Graduação apresentado à Universidade
Fernando Pessoa como parte dos requisitos para
obtenção do grau Licenciado em Criminologia.

Porto, 2013

Resumo

O uso de substâncias tem sido alvo de preocupações por parte da sociedade e da ciência, devido às consequências assustadoras do seu abuso, principalmente quando este fenómeno assume uma dimensão cada vez maior entre a população escolar. O presente trabalho debruça-se precisamente sobre esse fenómeno, propondo um projeto de investigação sobre consumo de drogas na escola. O objetivo da investigação passa por aprofundar os conhecimentos acerca do consumo de drogas em contexto escolar, bem como identificar alguns dos fatores implicados no início, no desenvolvimento e na manutenção dos consumos, entre estudantes do ensino secundário; e ainda conhecer os aspetos circunstanciais que envolvem o consumo (local, grupo de pares, frequência, etc.).

O estudo que se propõe obedecerá a um desenho exploratório, descritivo e baseado no autorrelato. Trata-se de uma pesquisa que se servirá do inquérito enquanto método que será suportado pela técnica do questionário.

Palavras chave: Drogas; Adição; Dependência; Escola.

Abstract

The use of psychoactive substances has been the subject of concern by society and science because of the frightening consequences of their abuse, especially when this phenomenon takes on an increasingly large amount of school students. This paper focuses on precisely this phenomenon, proposing a research project on drug use in school. The goal of the investigation involves deepening the knowledge about drug use in schools, as well as identifying some of the factors involved in the initiation, development and maintenance of consumption among secondary school students, and also recognize the aspects involving circumstantial consumption (local, peer group, frequency, etc.);

This study also proposes a research project that complies to an exploratory and descriptive design based on self-report. This is a survey that will serve as a survey method that is supported by technical questionnaire.

Keywords: Drugs; Addiction; Dependence; School.

Dedicatória

Aos meus pais, por todo o apoio e amor que me deram ao longo destes anos, e pelos sacrifícios que fizeram para me proporcionar um futuro melhor.

À minha irmã, por estar sempre ao meu lado.

Agradecimentos

A realização deste projeto deve-se, em grande parte, ao auxílio e apoio de várias pessoas, às quais desejo expressar os meus sinceros agradecimentos:

À Universidade Fernando Pessoa, por ter proporcionado uma experiência académica rica e inesquecível.

A todos os elementos da 3ª Esquadra do Comando Metropolitano do Porto, da Polícia de Segurança Pública, pelo acolhimento fantástico que tive durante o período de estágio e por toda a ajuda e ferramentas de trabalho que disponibilizaram. Um especial obrigado ao Subcomissário Pedro Carvalho.

À minha orientadora, Professora Doutora Laura Nunes, pelo apoio incondicional, pela disponibilidade e pelos conhecimentos partilhados ao longo deste período. Foi um privilégio ser orientada pela professora, devido à sua ajuda preciosa e por ser um modelo a seguir na área da Criminologia.

À minha melhor amiga Teresa Azevedo, por toda a força, motivação e carinho que demonstrou não só durante a realização do projeto, mas ao longo do período da licenciatura.

Índice

Introdução.....	10
Capítulo I - Enquadramento teórico.....	12
1.1. Definição e Classificação das Drogas.....	13
1.2. Do uso ao abuso e à toxicodependência.....	15
1.3. Drogas – Fatores de risco e de proteção implicados	16
1.4. As drogas em contexto escolar.....	19
Capítulo II – Projeto de Investigação.....	23
2.1. Método.....	24
2.1.1 O ponto de partida para o projeto.....	24
2.1.2. Caracterização da amostra.....	25
2.1.3. Procedimento.....	25
2.1.4. Material.....	26
2.2. Resultados esperados.....	27
2.3 Possível discussão dos resultados.....	27
Conclusão.....	30
Bibliografia.....	32
Anexos.....	35

Introdução

Nas últimas décadas, a adesão ao consumo de drogas aumentou de forma assustadora no mundo (Brusamarello, *et al.*, 2008), pelo que se torna muito importante estudar este fenómeno nos diversos contextos sociais. De acordo com Observatório Europeu da Drogas e da Toxicodependência (2012), entre 2005 e 2010, registou-se um aumento, de cerca de 19%, do consumo de drogas na Europa, sendo a cannabis a droga mais usada na população jovem (15-34 anos) e assumindo maior prevalência entre os jovens dos 15 aos 24 anos.

De facto, é possível constatar que, atualmente, as drogas estão cada vez mais presentes na vida de crianças e jovens. Trata-se de idades em que podem estar reunidas características que vulnerabilizam os indivíduos para o desvio, designadamente, para o consumo problemático de drogas (Chiapetti, 2003). Essencialmente, entre essas características e fatores, podem mencionar-se a procura de novas experiências e de sensações, a influência do grupo de pares, entre outros (Shencker & Minayo, 2003). Assim, o consumo problemático de drogas torna-se alvo de grande preocupação, nomeadamente, quando se trata de um comportamento que ocorre em idade escolar (Pinheiro, Picanço & Barbeito, 2011). Por isso, o tema deste trabalho contempla o consumo de drogas no âmbito do contexto escolar.

Um estudo realizado nos Açores com estudantes do 3º Ciclo demonstrou que 41,2% dos alunos inquiridos já viram consumir substâncias na escola e 46,7% dos consumidores já o tinham feito nesse local, o que se revelou um aspeto preocupante, pois a escola deve ser um local privilegiado para prevenir essas condutas (Pinheiro, Picanço & Barbeito, 2011). Enquanto fonte primária de socialização, a escola desempenha um papel fulcral no desenvolvimento da criança e do adolescente, sendo que esta não se deve restringir ao progresso cognitivo e à transmissão de conhecimentos, mas deve também fortalecer os aspetos sociais e afetivos do adolescente, no sentido de o encaminhar para adopção de condutas pró-sociais. No entanto, segundo autores como Biglan, Metzler e Ary (1994), Jessor (1993), Seidman (1991), o ambiente escolar nem sempre responde às necessidades dos seus alunos e, conseqüentemente, estes acabam muitas vezes por não se ajustar às condições e aos desafios impostos pelas escolas que frequentam (Chiapetti, 2003). Assim, os jovens que

acabam por enfrentar estes desafios sociais, psicológicos e educacionais quando ingressam neste meio, podem estar expostos a uma maior disponibilidade de drogas, e de experiências sociais que envolvam drogas (National Institute on Drug Abuse, 2003). Efetivamente, o Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (2012) refere que, no período entre 2005 e 2010, ocorreu um aumento de oferta de droga estimado em cerca de 17% dentro da União Europeia.

Podem-se identificar vários aspetos implicados no fenómeno, como a falta de motivação para a aprendizagem, o fraco desempenho escolar, o absentismo e o desejo de independência, ligados à falta de interesse na realização pessoal (Pinheiro, Picanço & Barbeito, 2011) e ainda a afiliação a pares com condutas desviantes (Bahls & Ingbermann, 2005) como fatores que promovem o uso e/ou abuso de substâncias ilícitas. Pelo contrário, o sucesso no desempenho escolar, os vínculos fortes com instituições pró-sociais como a escola e a elevada autoestima, são fatores que ajudam a prevenir a adoção de comportamentos desviantes, como o consumo de drogas (National Institute on Drug Abuse, 2003).

Portanto, é importante estudar o problema das drogas no meio escolar e é também muito importante avaliar regularmente as escolas quanto a esse comportamento, para que possam ser pensadas medidas adaptadas a essas diferentes realidades. Desta forma, os objetivos gerais deste projeto passam por aprofundar os conhecimentos acerca do consumo de drogas em contexto escolar. Mais especificamente, procura-se: compreender o consumo problemático de drogas em idade escolar; identificar alguns dos fatores implicados no início, no desenvolvimento e na manutenção dos consumos, entre estudantes do ensino secundário; conhecer os aspetos circunstanciais que envolvem o consumo (local, grupo de pares, momentos, etc.).

Por isso, na estrutura do projeto, considerou-se importante que este fosse dividido em duas partes. A primeira parte diz respeito ao enquadramento teórico, em que se faz uma contextualização do fenómeno do consumo de drogas e da sua ocorrência em contexto escolar, enquanto a segunda parte consiste numa contribuição empírica, em que se propõe um projeto de investigação partindo de um estudo que foi realizado numa escola e em que a autora deste trabalho participou, durante o período do seu estágio.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1.1 Definição e Classificação das Drogas

O uso de drogas apresenta origens sociais remotas, integrando a cultura de muitos povos e tendo acompanhado o percurso da Humanidade até à actualidade. Porém, verificaram-se algumas variações no seu contexto de uso, na forma e nos objetivos de consumo, assim como nas interpretações construídas em torno deste fenómeno. Antigamente, o contacto com as entidades divinas era feito, em várias culturas, através do recurso a substâncias, permitindo assim estabelecer uma ligação entre a realidade e a “vida prometida”. Entretanto, as drogas passaram a ser usadas para fins festivos, terapêuticos e sacramentais, tendo-se tornado até alvo de intensa mediatização (Escohotado, 2002). A partir desse momento desenvolveram-se práticas abusivas do consumo das substâncias, como forma de resposta a interesses de ordem económica, política e sociocultural. Este consumo originou novas linhas problemáticas e preocupantes no seio das sociedades (Nunes, 2007).

Segundo Nunes (2010, p. 37) “a definição de droga genericamente aceite, foi a apresentada na Antiga Grécia, em que *Pharmacon* seria a substância que atua como remédio ou como veneno, acabando por não ser nem uma coisa nem outra, mas ambas as coisas simultaneamente”. Porém, para que a droga funcione como um remédio ou um veneno, existem determinadas variáveis a que é necessário atender. Assim sendo, o efeito das drogas varia com a quantidade da substância que é administrada e a sua pureza, das circunstâncias envolvidas no seu uso e ainda as razões e regras que estão na base da sua utilização (Escohotado, 2002).

Além dessas variáveis, é preciso ter em conta que as drogas causam diversos efeitos, sendo que para Schuckit (1998) as drogas seriam as substâncias que provocam alterações do humor, da percepção, do funcionamento cerebral e da consciência, por qualquer via de administração. Já a Organização Mundial de Saúde (2006) define droga como qualquer substância que estimula efeitos e alterações nos processos mentais e comportamentais, quando introduzida no organismo, por qualquer via de administração. Do ponto de vista da psicologia, a droga é definida como uma substância com propriedades farmacológicas e que conduz à tolerância, à dependência e à toxicomania. (Doron & Parot, 1998).

Quanto à classificação das drogas, existem diversas tipologias que refletem as propriedades farmacológicas das substâncias, os seus efeitos ou a forma como são percebidas pelos seus consumidores. Das várias classificações existentes, desenvolvidas por vários autores, será adotada no presente trabalho, a do pesquisador Francês Chaloult, por ser simples e prática. Segundo este autor, uma das classificações possíveis é a classificação das drogas em função do seu efeito sobre o sistema nervoso central, onde encontramos o grupo dos depressores, dos estimuladores e dos perturbadores do sistema nervoso central (Nunes & Jollúskin, 2010).

As drogas depressoras são as que reduzem a atividade do sistema nervoso central, provocando efeitos de tranquilidade e reduzindo as tensões. Neste grupo incluem-se o álcool, os hipnóticos (barbitúricos e não barbitúricos), ansiolíticos, analgésicos narcóticos (ópio e derivados: morfina, codeína e heroína; ou narcóticos sintéticos: metadona), antipsicóticos (clorpromacina), e outros. As drogas estimulantes são as que ativam o sistema nervoso central, propiciando excitação e energia, suprimindo a fome e o sono, e aumentando a atividade psicomotora. Dentro deste grupo encontramos estimulantes da vigília (anfetaminas, anorexígenos não anfetamínicos e cocaína; cafeína e nicotina; entre outros) ou estimulantes do humor (tranilcipromina; tricíclicos, etc). Por fim, temos as drogas que perturbam o sistema nervoso central, provocando alterações da percepção ou da consciência. Os perturbadores podem ser alucinogénios (mescalina, dietilamina do ácido lisérgico – “LSD”, psilocibina); derivados da cannabis (marijuana, haxixe, 9-tetra-hidrocanabinol – “THC”), dissolventes voláteis (colas, essências, éter), anticolinérgicos (alcalóides naturais da beladona: atropinas, hiosciamina, escopolamina) e ainda outros como o MDA, DMT ou a noz-moscada (Nunes & Jóluskin, 2010).

Sob o ponto de vista legal, as drogas apresentam uma definição que impõe a regulação do seu uso e/ou venda. Assim, segundo o Decreto-Lei n.º 430/83: “Considera-se censurável socialmente o consumo de estupefacientes e de substâncias psicotrópicas, desde logo pela quebra de responsabilidade individual de cada cidadão perante os outros (...). Em conformidade com tais afirmações, o consumidor de drogas é sancionado pela lei vigente de maneira quase simbólica, procurando-se que o contacto com o sistema formal da justiça sirva para o incentivar ao tratamento, na hipótese de ter sido atingido pela toxicoddependência.” (Decreto-Lei nº 15/93). Desta forma, e de acordo com o art.2, da Lei nº30/2000: “O consumo, a aquisição e a detenção para consumo próprio de

plantas, substâncias ou preparações compreendidas nas tabelas referidas no artigo anterior constituem contra-ordenação”, pelo que é possível concluir que o consumo foi descriminalizado.

Relativamente ao tráfico de drogas, este constitui crime, nos termos do art. 22, nº 1, do Decreto-Lei nº 15/93: “Quem, sem para tal se encontrar autorizado, cultivar, produzir, fabricar, extrair, preparar, oferecer, puser à venda, vender, distribuir, comprar, ceder ou por qualquer título receber, proporcionar a outrem, transportar, importar, exportar, fizer transitar ou ilicitamente detiver, fora dos casos previstos no artigo 40.º, plantas, substâncias ou preparações compreendidas nas tabelas I a III é punido com pena de prisão de 4 a 12 anos.”

1.2 Drogas – Do uso ao abuso e à toxicodependência

O uso das drogas pode ser considerado numa fase típica do desenvolvimento do adolescente, em que há a necessidade de experimentação de comportamentos proibidos (Peele, 1987). No entanto, segundo Pacheco (2003), o problema não reside nas drogas em si, mas na relação que cada indivíduo estabelece com elas, sendo que essa relação pode passar do uso ao abuso ou à toxicodependência.

Primeiramente, importa compreender o conceito de abuso e de toxicodependência. O DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) (American Psychological Association, 2002) define abuso de drogas como o uso inadequado e repetido da substância, que conduz a efeitos adversos recorrentes e expressivos.

Já a dependência, segundo a Organização Mundial de Saúde, é um estado em que se instala a necessidade física e psíquica de o indivíduo consumir drogas, devido ao seu uso regular (Fonte, 2006). Desta forma, a dependência pode ser física ou psicológica, sendo que a primeira consiste numa adaptação fisiológica ao consumo habitual da substância, enquanto na segunda o consumidor sente que apenas atinge o bem-estar através do consumo da substância (Nunes & Jólluskin, 2010). Por sua vez, a toxicodependência é um estado de dependência de drogas, que se desenvolve gradualmente após o seu uso repetido e caracteriza-se pela necessidade incontornável de obter a substância, que introduz alterações profundas no comportamento do indivíduo (Ribeiro, 2001).

A dependência é, portanto, um fenômeno individual em que estão implícitos vários fatores psicológicos, sociais, culturais e econômicos, e só faz sentido falar em dependência quando se combinam os contextos e as variações de cada indivíduo (Ribeiro, 1998). O indivíduo que inicia os consumos e se torna toxicodependente pode agir por influência de fatores pessoais, como a curiosidade e o desejo de experimentar ou por fatores sociais, como ambientes convidativos ou influências externas. No entanto, o indivíduo que segue o trajeto da dependência pode encontrar situações inesperadas e danosas. Durante este período, o toxicodependente pode deparar-se com um estado ambivalente, isto é, deseja ao mesmo tempo continuar e parar de consumir. O indivíduo acaba então por se encontrar num conflito interno consigo próprio, iludindo-se de que o consumo da droga pode atenuar ou eliminar esse sofrimento (Ribeiro, 2001).

Todavia, para se compreender este fenômeno, é necessário que se tenha uma visão abrangente de todos os fatores que estão na origem do mesmo, quer sejam fatores facilitadores, quer sejam fatores impeditivos (Pacheco, 2003).

1.3. Drogas – Fatores de risco e de proteção implicados

Muitos jovens envolvem-se em atos desviantes por desejo de excitação, aventura ou outras emoções, por considerarem que faz parte do contexto de desenvolvimento, e aprendem os comportamentos por tentativa e erro (Loeber & Farrington, 2000). Consequentemente, ao envolver-se nesse tipo de comportamentos, como o consumo de drogas, o jovem corre o risco, neste caso, de se tornar dependente e comprometer a realização de tarefas normais do desenvolvimento, de não cumprir os papéis sociais esperados e falhar na aquisição de habilidades essenciais, que seriam apropriados para a transição ao próximo estágio de vida: o adulto jovem (Jessor, 1991).

Importa explicar que o risco pode considerar-se uma consequência de uma decisão que visa a obtenção de um desejo ou bem, porém existe a possibilidade de perda ou dano físico, material ou psicológico (Schenker & Minayo, 2005). Existem vários fatores que podem comprometer o desenvolvimento bem-sucedido do jovem e a adoção de condutas pró-sociais. Por fatores de risco entendem-se todos aqueles fatores que

comprometem um estilo de vida convencional, aumentam a vulnerabilidade do indivíduo e propiciam oportunidades para o desvio (Turbin, Jessor, Costa *et al*, 2006).

Os fatores de risco individuais associados à personalidade são a baixa autoestima, a elevada ansiedade, a luta contra sentimentos depressivos, sendo que o recurso ao uso/abuso de drogas seria uma forma de aliviar os problemas (Negreiros, 1983). A elevada impulsividade e agressividade, o consumo precoce de substâncias e a adoção de práticas disruptivas de início prematuro também são considerados fatores de risco (Loeber & Farrington, 2000), bem como a presença de história de alcoolismo na família (Jessor, 1991). Quanto aos fatores biológicos, são de referir: a tendência temperamental para a busca de sensações; a presença de quadros depressivos e a eventual ocorrência de traumatismo craniano que, pode estar implicado na manifestação de problemas comportamentais (Milkman & Wanberg, 2004; citado por Nunes, 2010).

No que diz respeito aos fatores de risco ambientais, estes são constituídos pelos familiares, em que encontramos aspetos como a presença de delinquência ou de consumo de drogas nos pais, pois pode haver um processo de imitação por parte do jovem; o fraco vínculo afetivo na relação pai-filho; as práticas educativas inconsistentes, com fraca supervisão ou negligência; os conflitos familiares (Negreiros, 1983); e ainda o reduzido acesso a oportunidades de vida, a pobreza e a marginalidade étnica/racial (Jessor, 1991). Quanto à influência do grupo de companheiros, as atitudes e crenças destes relativamente às drogas pode ser um importante fator de risco (Negreiros, 1983). O consumo de drogas pode levar à aceitação e integração social por parte do grupo de pares e pode criar a sensação de autonomia e maturidade, o que por sua vez, faz com que seja um comportamento positivo, desejado e procurado pelos adolescentes (Jessor, 1991).

Também se tem falado no papel da escola enquanto agente modificador e local propiciador de um ambiente que, por vezes, cria as condições para o consumo de drogas, sendo que neste domínio existem fatores que promovem esses comportamentos de risco, de entre os quais se pode referir a falta de motivação para os estudos, o absentismo e o mau desempenho escolar, a insuficiência no aproveitamento e a falta de compromisso na educação; a vontade de ser independente e falta de interesse em

investir na realização pessoal; e a procura de novidades a qualquer preço (Schenker & Minayo, 2005).

Apesar da provável presença de fatores de risco, existem alguns indivíduos que resistem em seguir tais percursos desviantes, como o consumo de drogas. Nestes casos podemos falar de fatores de proteção que favorecem a adoção de comportamentos saudáveis e pro-sociais e promovem o autocontrolo pessoal e social (Turbin, Jessor, Costa *et al*, 2006). Entre os fatores protetores, encontram-se os individuais, como um temperamento positivo, elevada inteligência (Hawkins, Catalano & Miller, 1992), valores e crenças na ordem e na realização pessoal bem como a intolerância ao desvio (Jessor, 1991). Temos ainda os fatores protetores da envolvente social, que remetem para uma família coesa, com vínculos sólidos e afetivos, e uma monitorização frequente por parte dos mesmos (Hirschi, 2002; citado por Nunes, 2010). No que concerne aos fatores externos à família, são importantes os sistemas de suporte social no sentido de inculcar valores positivos e reforçar os esforços do adolescente (Hawkins, Catalano & Miller, 1992). A qualidade das escolas frequentadas, a existência de modelos pro-sociais e de controlos eficazes também são aspetos importantes na rejeição do desvio (Jessor, 1991).

Assim sendo, a ausência ou presença destes fatores e o peso que eles têm sobre o processo de socialização do indivíduo, podem originar comportamentos de risco, que conduzem a respostas de maior ou menor compromisso com um estilo de vida convencional. O indivíduo afasta-se mais da prática de condutas desviantes se levar um estilo de vida assente num compromisso consistente com condutas convencionais. Pelo contrário, existe maior probabilidade de manifestar condutas de risco se existir uma prevalência de fatores de risco na vida do indivíduo (Jessor, 1991).

É de referir ainda a presença de fatores stressantes da vida, como a morte, doenças ou acidentes entre membros da família e amigos, mudanças de escola ou residência, separação, divórcio ou novos casamentos dos pais, problemas financeiros da família, que podem estar na origem do consumo de drogas, principalmente se estiverem associados a outros fatores como as disposições individuais (Hoffman & Cerbone, 2002; cit. *In* Schenker & Minayo, 2005).

Segundo Newcomb e Felix-Ortiz (1992), os resultados obtidos no seu estudo evidenciam uma distinção relativamente aos fatores de risco e de proteção. Os primeiros estariam mais relacionados com as condições externas ao indivíduo, nomeadamente a envolvente social, enquanto os fatores de proteção teriam um peso maior no que diz respeito às características psicológicas, comportamentais e familiares (National Institute on Drug Abuse, 1995).

1.4. As drogas no contexto escolar

Dentro dos fatores de risco associados ao abuso de drogas encontram-se aqueles ligados à socialização, que dizem respeito à interação da criança com os agentes socializadores fora da família, como a escola, os pares e a comunidade (Bahls & Ingbermann, 2005). Desta forma, a escola e a comunidade, essencialmente nos períodos que se seguem à infância, tornam-se importantes fontes de influência no comportamento, pois ocorre uma participação cada vez mais activa do adolescente nesses ambientes e uma ampliação dos seus círculos de interação (Chiapetti, 2003).

No que diz respeito ao contexto escolar, alguns autores como Biglan, Metzler e Ary (1994), Jessor (1993), Seidman (1991) referem que este ambiente nem sempre oferece condições apropriadas à sua fase de vida, no sentido de superar o deficit cultural e social que apresentam. Esta situação pode originar falhas no ajustamento pessoal em relação às exigências do meio social, sendo que o jovem tende a experimentar sentimentos de inadequação, tornando-se ainda mais vulnerável ao desenvolvimento de comportamentos de risco ou desajustados (Chiapetti, 2003).

Existem vários aspetos que podem estar na origem dos sentimentos de inadequação e da génese do comportamento desviante. Por exemplo, segundo Braddock e McPartland (1992, citado por Chiapetti, 2003), alunos com baixo rendimento escolar estão expostos à estigmatização, desenvolvendo sentimentos de inferioridade, e quando não conseguem enfrentar a situação são alvos de exclusão social ou alienação. O mau ambiente escolar pode estar na origem de condutas desajustadas pelo que se torna importante que as escolas propiciem um ambiente saudável para a formação e crescimento pessoal e académico dos adolescentes.

De facto, e em concordância com estudos elaborados por alguns autores (Booth et al. 2008; Catalano et al. 2004; Flay et al. 2004; Henry and Slater 2007; LaRusso et al. 2008; Roeser et al. 2000; Simons-Morton et al. 1999; Weishew and Peng 1993), outras pesquisas vêm demonstrar que alunos que frequentam escolas com ambientes positivos e saudáveis têm menor probabilidade de consumir drogas, do que alunos em escolas com condições desfavoráveis. Essas foram também as conclusões de outro estudo (Sznitman, et al., 2012).

Ainda referente ao ambiente escolar, pode-se mencionar as relações que surgem neste contexto, nomeadamente, aquelas que se formam entre professores e alunos. De acordo com Demanet e Houtte (2012) a qualidade da relação aluno-professor pode compensar os efeitos negativos do clima escolar sobre o desempenho académico e pessoal dos alunos. Outros estudos demonstram ainda que o sentimento de pertença e o vínculo positivo com os professores está associado a índices mais baixos de comportamentos desviantes (Demanet & Houtte, 2012). Pelo contrário, segundo Eccles et al. (1993), professores com baixas expectativas dos alunos prejudicam a motivação e o desempenho académico dos mesmos.

No que concerne ao insucesso escolar, importante fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos desviantes, autores como Eccles et al. (1993) atribuem um papel determinante à escola, assinalando que as razões do fracasso escolar residem nas características dos programas escolares. De facto, num estudo realizado aos estudantes do ensino médio, foi possível constatar um índice de 6.3% no que diz respeito à repetência do ano escolar. Entre aqueles que consumiam drogas e aqueles que não consumiam, existia uma relação estatisticamente significativa, isto é, os consumidores de drogas apresentam maiores probabilidades de repetência (Jinez, Souza & Pillon, 2009).

Entre os danos associados ao consumo de drogas por parte dos adolescentes, autores como Rojas (1999) e Scivoletto e Shigueo (2001), identificam prejuízos no desenvolvimento cognitivo, fisiológico e psicológico, atrasos na aquisição e progresso de capacidades de autocontrolo e autoestima e ainda uma maior susceptibilidade às influências dos pares, o que por sua vez pode comprometer o rendimento escolar (Jinez, Souza & Pillon, 2009). Assim, torna-se importante referir a influência do grupo de pares

na adoção de comportamentos desviantes, uma vez que a adolescência constitui uma fase da vida que amplia a vulnerabilidade dos jovens, nomeadamente, por existir a necessidade de se inserir e pertencer a grupos (Brusamerello, et al., 2010).

Desta forma, o uso experimental das drogas pode proporcionar aceitação social por parte dos pares e a experiência de novas sensações e novidades (Jinez, Souza & Pillon, 2009). Efetivamente, num estudo realizado por Pinheiro, Picanço e Barbeito (2011) foi possível verificar que 18,2% dos alunos consumidores iniciaram o consumo por desejo de integração num grupo, e 16,2 % experimentaram por oferta de um amigo. Algumas pesquisas demonstram que entre grupos de pares desviantes podem ocorrer estímulos no sentido de quebrar as regras e cometer condutas inadequadas. Esta situação pode surgir, essencialmente, quando os alunos não conseguem formar vínculos positivos com a escola e os professores, gerando assim, a tendência para recorrerem aos grupos de pares, numa tentativa de satisfazerem as suas necessidades de pertença. Também é provável que a questão da popularidade esteja na origem destes comportamentos. Como na adolescência, as normas dos grupos de pares tendem a favorecer atos desviantes, os alunos que apresentam má conduta escolar tendem a ser populares (Demagnet & Houtte, 2012).

No mesmo estudo referido acima, realizado por Jinez, Souza e Pillon (2009), outro fator de risco identificado foi a curiosidade, em que 38% dos estudantes referiram que esse fator estaria na origem do seu primeiro consumo de drogas, pois sentiam necessidade de sensações de prazer, de forma passiva e imediata. Também Pinheiro, Picanço e Barbeito (2011), no estudo que realizaram, observaram que 45,5% dos alunos experimentaram por curiosidade. Assim sendo, a curiosidade no prazer que as substâncias produzem durante o consumo, a influência do grupo de pares e a solidariedade são motivos que aumentam o risco para que os adolescentes recorram ao consumo de drogas (Jinez, Souza & Pillon, 2009).

Pode-se ainda falar do consumo de drogas que é feito num ambiente festivo, em que se procura divertimento, tendo sido referido por 25,3% dos estudantes, ou o consumo feito num sentido terapêutico, que se prende com o alívio de sintomas de mal-estar e stresse, identificado por 8,4% dos estudantes. No entanto, não se pode deixar de ter em conta que a disponibilidade da substância também é um fator importante, sendo que

62,3% dos alunos afirmaram ter visto colegas a consumir drogas ilícitas e 38,0% afirmaram já lhes ter sido oferecida alguma droga (Pinheiro, Picanço & Barbeito, 2011).

Após se ter referido alguns dos fatores associados ao meio escolar que contribuem para o consumo de drogas, pode-se ainda mencionar as substâncias mais consumidas e os padrões de consumo por parte dos adolescentes. O mesmo estudo, desenvolvido por Pinheiro, Picanço e Barbeito (2011), revela que entre os alunos que já utilizaram drogas, a *cannabis* já tinha sido experimentada por todos os indivíduos, verificando-se então um índice de 100% para esta droga. A cocaína foi consumida por 5,2% dos estudantes, o *ecstasy* também por 5,2%, as anfetaminas por 3,2% e a heroína por 1,9% dos alunos. Um outro estudo, realizado por Carvalho, et al. (2007), demonstrou também que as drogas ilícitas mais consumidas pelos adolescentes seriam a *cannabis* e derivados (2,9%), *cannabis* e outras drogas (0,8%) e ainda a heroína e cocaína (0,8%).

No que diz respeito aos padrões de consumo, nomeadamente à frequência, Pinheiro, Picanço e Barbeito (2011) encontraram que 42,9% dos alunos já tinha experimentado uma ou duas vezes mas 44,2% já apresentava um consumo regular, e cinco estudantes do sexo masculino já consumiam diariamente. O estudo aplicado por Feijão e Lavado (2004), à semelhança do estudo referido acima, demonstrou que havia uma taxa de 22% para as raparigas e 36% para os rapazes, ao nível da experimentação e que essa taxa descia para metade (8 e 17%, prospectivamente) ao nível do consumo habitual. Ainda Carvalho, et al. (2007), encontrou no seu estudo, que 7,4% dos estudantes já tinham experimentado alguma substância e que 4,0% se consideravam consumidores. Dentro da categoria dos consumidores, 51,9% são consumidores ocasionais, 22,2% consumidores regulares e 3,7% são consumidores abusivos.

Assim, é pertinente pensar em avaliar as escolas, tendo em vista a identificação de situações problemáticas como o consumo de drogas. Para tal, importa desenvolver investigações nesse sentido.

Capítulo II – Projeto de Investigação

2.1. Método

Planeia-se, aqui, desenvolver um projeto de um estudo sobre consumo problemático de drogas em contexto escolar. Como já foi referido, procurar-se-á, nesse estudo, avaliar a dimensão da problemática do consumo de drogas em meio escolar, nomeadamente, entre estudantes do ensino secundário.

Os objetivos do estudo que aqui propomos desenvolver, passam por aprofundar os conhecimentos acerca do consumo de drogas em contexto escolar. Recordem-se os objetivos específicos: compreender o consumo problemático de drogas em idade escolar; identificar alguns dos fatores implicados no início, no desenvolvimento e na manutenção dos consumos, entre estudantes do ensino secundário; conhecer os aspetos circunstanciais que envolvem o consumo (local, grupo de pares, momentos, etc.).

Desta forma, e tendo em vista alcançar estes objetivos, optar-se-á pela realização de um estudo exploratório, descritivo e transversal, em que se procurará explorar o fenómeno para o descrever, havendo apenas um momento para recolher os dados. Este estudo será baseado no autorrelato porque recorre às informações fornecidas pelos estudantes da escola em estudo, e recorrer-se-á ao método do inquérito psicossocial suportado pela técnica do questionário. De acordo com Alves (2006), as principais vantagens dos questionários prendem-se com o facto de que nem sempre é necessária a presença do pesquisador, de se poder administrar a um grande número de sujeitos e de serem flexíveis possibilitando recolher uma grande variedade de informação.

2.1.1. O ponto de partida para o projeto

Para pensar as linhas gerais deste estudo, partiu-se da análise, ainda que superficial e sem se usar a técnica da análise de conteúdo, desenvolvida através da recolha de informação junto de alunos entre os 10º e 12º anos de escolaridade, do ensino secundário, por via da condução de uma entrevista (Nunes, Caridade & Sani, 2013), numa escola da cidade do Porto. A partir das respostas obtidas nesse estudo cujas entrevistas foram conduzidas pela autora deste trabalho, foi possível perceber que o consumo de drogas era uma prática de muitos dos alunos entrevistados. Por outro lado, nesse mesmo estudo, foi administrado um questionário de recolha de dados para o Diagnóstico do Meio Escolar (DME) (Nunes, Caridade & Sani, no prelo), dirigido a

profissionais do ensino, e constatou-se que esses profissionais não revelam grande conhecimento sobre o número de consumidores existentes entre os alunos da escola. Estas constatações acabaram por tornar ainda mais necessária a planificação deste estudo.

De facto, decidiu-se, após ter-se constatado, através de uma análise muito geral ao discurso dos alunos entrevistados, desenvolver-se uma investigação que incidisse sobre os consumos problemáticos de substâncias, uma vez que as entrevistas revelaram um considerável presença desses consumos entre os alunos inquiridos.

2.1.2. Caracterização da amostra

Assim sendo, a população alvo, de conveniência, constituir-se-á de cerca de 50 estudantes do ensino secundário matriculados e distribuídos entre os 10º e 12º anos. Os alunos inquiridos devem ter idade superior a 16 anos e a escolha dos alunos será aleatória.

Evidentemente, a amostra será caracterizada em função da idade média, dos anos de escolaridade frequentados pelos alunos inquiridos, e do sexo dos mesmos.

2.1.3. Procedimento

Num primeiro momento, será solicitada à escola uma autorização formal (cf. Anexo A) para a realização do estudo bem como para a aplicação do instrumento elaborado, nomeadamente o questionário. Posteriormente, o Conselho Executivo será contactado com vista a explicar pessoalmente os objetivos e a pertinência desta investigação e ainda com vista a delinear as melhores estratégias, métodos e circunstâncias para a realização do estudo, tendo em consideração que não se pode afetar as rotinas da escola.

Num segundo momento, proceder-se-á à administração dos questionários (cf. Anexo C) junto de alguns dos alunos matriculados na escola. Evidentemente, antes de cada um dos alunos abordados passar ao preenchimento do questionário, será informado a respeito da natureza do estudo, da duração prevista, dos objetivos e serão dadas garantias de anonimato e confidencialidade. Então cada participante rubricará uma declaração de consentimento informado (cf. Anexo B), caso concorde livremente em participar na investigação. O inquérito, desenvolvido por questionário, seria de autorresposta, a preencher pelos alunos, em contexto de intervalo, nos diferentes

espaços da escola (e.g., bar, cantina, etc.) a fim de que os alunos se sintam o mais à vontade possível para responderem de forma absolutamente sincera. Antes da entrega propriamente dita dos questionários, será pedido aos alunos que assinem a declaração de consentimento informado e será transmitido aos mesmos quais os objetivos e a pertinência do estudo e que o preenchimento do questionário é voluntário, anônimo e confidencial.

2.1.4. Material

Assim, entre o material, consta a declaração de consentimento já referida, bem como o questionário elaborado.

Na construção do questionário houve o cuidado de incluir variáveis relativas à caracterização sociodemográfica, nomeadamente o sexo e a idade e situação escolar, questionando-se sobre a escolaridade, se gosta da escola e o porquê. Seguem-se, depois outras questões que se revelaram pertinentes para o estudo e para os resultado que se procuram.

Assim, na primeira parte do questionário pergunta-se a respeito das informações que permitirão caracterizar a amostra do estudo, conforme já foi aqui apresentado.

De seguida, o questionário divide-se em partes que permitem aceder a dados relacionados com a situação escolar de cada um dos sujeitos que participar no estudo. Mais especificamente, poderemos saber qual o ano que cada aluno frequenta, e se cada um deles gosta da sua escola e porque gosta ou não. Depois, questionam-se os indivíduos a respeito da forma como percebem a qualidade das suas relações com os professores, perguntando também o porquê das respostas dadas.

Posteriormente, há uma outra parte do questionário em que se questionam os sujeitos a respeito das drogas e dos seus consumos, na escola e entre os estudantes. Nessa última parte, procura-se saber se há alunos a consumir drogas, que drogas e em que espaços, e se o próprio inquirido consome substâncias e quais os padrões e circunstâncias dos consumos.

2.2. Resultados esperados

Com esta investigação espera-se obter resultados que permitam alcançar os objetivos propostos no início. Assim, espera-se conseguir informação mais genérica sobre a existência ou não de estudantes que consomem drogas, especialmente no meio escolar. Por outro lado, espera-se ter informação que permita saber se os estudantes consomem, em que espaços da escola o fazem, de que ano e idade são, em geral esses consumidores, que substâncias consomem e em que circunstâncias. Espera-se também, através deste estudo, saber quais os elementos que, do ponto de vista dos próprios estudantes, podem estar na origem desses consumos de drogas em contexto escolar.

Além disso, e através da parte em que se questiona sobre os possíveis consumos dos próprios inquiridos, pode saber-se o seguinte: qual ou quais as drogas que ele consome, onde o faz e em que companhia, desde há quanto tempo consome e com que regularidade.

Trata-se, portanto, de uma série de questões que nos permitirão conhecer melhor o fenómeno. Por outro lado, poderemos confrontar os elementos obtidos com o questionário com os registos de cada inquirido na escola, procurando averiguar se esse aluno é ou não repetente e, caso o seja, com que frequência apresenta reprovações. Isto permitirá averiguar a possível existência de alguma ligação entre o insucesso escolar e o possível consumo de drogas. O mesmo se poderá fazer com a maior ou menor assiduidade registada para cada aluno inquirido. Com estes resultados, poderemos depois passar à discussão, articulando entre os resultados aqui obtidos e os de outros estudos que se encontram no corpo teórico.

2.3. Possível discussão dos resultados

Efetivamente, e como acabou de ser referido no ponto anterior, os resultados obtidos com o questionário e com a análise de algumas informações dos processos dos alunos, será possível discutir os pontos referentes ao que se passa a apresentar no quadro seguinte.

Quadro 1.

Grelha esquemática de uma possível discussão.

Síntese da possível discussão		
Fonte	Informação	Comparação com literatura
Processo do aluno na escola	Assiduidade Passagens/Retenções	Estudos que referem a associação entre consumos de drogas e insucesso escolar
Questionário - sociodemográficos	Idade Sexo	Teorias que revelam afastamento da escola por parte de jovens consumidores
Questionário-situação escolar	Ano de frequência Gosto pela escola e porquê Relação com professores	Modelos e teorias que referem maior ou menor vínculo a atividades convencionais, como as da escola, e maior ou menor ligação às figuras de autoridade, como os professores
Questionário – informação sobre drogas e consumos	Colegas consumidores Se consomem na escola Que drogas consomem Com quem consomem Em que circunstâncias consomem	Atender aos autores que referem e estudam fatores de risco e de proteção, individuais, sociais como a influência do grupo de pares, etc.
	Perceção de possíveis origens desses comportamentos	Averiguar a perceção dos jovens sobre risco e sobre origens do comportamento e comparar com o que dizem as teorias
	Consumos do próprio Desde há quanto tempo Substâncias que consome Regularidade/Frequência dos consumos Onde consome Com quem consome Em que circunstâncias consome	Levantar estes dados por forma a ver se há um padrão na amostra e tentar associar ao que foi referido no enquadramento teórico

Apenas a título de exemplo, espera-se conseguir alcançar o cerne da questão central, nomeadamente, quais os factores na origem do consumo de drogas, os padrões e as circunstâncias do consumo e ainda compreender a dimensão desta problemática no contexto escolar, bem como avaliar se o consumo de drogas está associado a um maior insucesso escolar.

Após uma análise aos resultados, e à semelhança de alguns estudos referidos no enquadramento teórico (Demagnet & Houtte, 2012; Jinez, Souza & Pillon, 2009) espera-se encontrar que o consumo de drogas em idade escolar esteja associado de alguma forma a um maior índice de reprovação e abandono escolar e que a relação com os professores seja mais fraca entre aqueles que consomem substâncias.

Relativamente à categoria da informação sobre o contexto social escolar espera-se encontrar que a cannabis seja a substância mais consumida entre os jovens, seguida de outras drogas (cocaína, heroína, ecstasy, etc.). Os estudos apresentados (Pinheiro, Picanço & Barbeito, 2011) acima revelam que a cannabis tem uma taxa de prevalência significativamente maior que as restantes substâncias. De facto, e segundo o Observatório Europeu da Droga e da Toxicodpendência (2012), o consumo de cannabis está concentrado na população jovem (15-34 anos), registando-se uma maior prevalência entre os jovens dos 15 aos 24 anos. Quanto aos padrões de consumo, os resultados esperados devem indicar uma taxa maior ao nível da experimentação. Ao nível do consumo ocasional, regular e abusivo esperam-se encontrar índices mais baixos.

No que diz respeito aos fatores que estão na origem do consumo de substâncias, esperam-se encontrar respostas que apontem para aspetos como a curiosidade, a influência dos grupos de pares, a disponibilidade da substância, o fraco vínculo à escola e professores, entre outros. E espera-se também que se encontre referência aos elementos relacionados com o grupo de pares e a sua influência.

Não obstante, não se pode deixar de ter em conta que existem alguns fatores que podem comprometer a viabilidade e a consistência desta investigação. É importante que haja um número significativo de alunos que se voluntariem para responder ao questionário e que o respondam na sua totalidade, isto é, o preenchimento incompleto das questões será um fator que pode comprometer a obtenção de conclusões sólidas e viáveis.

Conclusão

Este trabalho visou desenvolver e apresentar um projeto de uma investigação, e parece ter-se atingido este objetivo principal, já que os elementos gerais do estudo se encontram definidos ao longo deste projeto de graduação. A investigação planeada, por seu turno, apresentou o objetivo geral de aprofundar os conhecimentos acerca do consumo de drogas em contexto escolar.

Na conclusão, será importante começar por verificar se esse grande objetivo foi alcançado, como o foi e porquê. Por outro lado, devem considerar-se os objetivos mais específicos, e averiguar se esses também terão sido atingidos. Referem-se aqui os objetivos de compreender o consumo problemático de drogas em idade escolar; identificar alguns dos fatores implicados no início, no desenvolvimento e na manutenção dos consumos, entre estudantes do ensino secundário; conhecer os aspetos circunstanciais que envolvem o consumo (local, grupo de pares, momentos, etc.).

Por outro lado, e encontrando-se a presença significativa de consumos de drogas no contexto escolar ao nível dos alunos dos 10º, 11º e 12º anos, pode levar-nos também a perceber a necessidade de desenvolvimento de mais estudos sobre o problema e, note-se, pode ainda levar-nos a colocar possíveis hipóteses exploratórias.

Assim, o facto do consumo de drogas tornar-se num problema entre estudantes do ensino secundário pode dever-se, em parte, pelo crescimento da disponibilidade e acessibilidade que se tem verificado no mercado das drogas. Efetivamente, o Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, refere que “a cannabis é a droga ilícita mais disponível na Europa, sendo não só importada como produzida a nível interno” o que pode explicar os índices elevados de consumo desta substância entre os estudantes. Além disso, as perceções sobre os riscos do consumo de drogas influenciam o início e ou desenvolvimento desse comportamento. Um inquérito sobre as atitudes realizado na União Europeia demonstrou que entre os jovens (91%) que fazem um consumo regular existe um reconhecimento dos riscos para a saúde mas esse valor desce quase para metade (52%) para quem consome ocasionalmente.

O que se tem constatado é que as escolas, atualmente, apenas se concentram no desenvolvimento académico dos seus alunos, esquecendo papel que devem assumir no

crescimento pessoal e social dos alunos. A estimulação e a criação de vínculos positivos com a escola são fundamentais na vida dos estudantes, uma vez que podem prevenir certos comportamentos de risco.

Em suma, após a elaboração de todo o projeto, podemos verificar que atualmente o consumo problemático de drogas entre os estudantes tem assumido proporções cada vez maiores e que a escola enquanto fonte de socialização desempenha um papel fulcral no sentido da prevenção da adoção de comportamentos desviantes.

Torna-se importante apresentar algumas sugestões de intervenção e prevenção, tais como: procurar estratégias de combate à adoção do consumo de drogas através da promoção de atividades dinâmicas e de convívio em meio escolar; promover sessões de sensibilização, esclarecimento, informação e formação sobre questões de drogas, junto de técnicos e especialistas na matéria. No entanto, deve salientar-se a necessidade de se estudar este tema que, de facto, não está esgotado e é urgente.

Bibliografia

- Alves, N. A. C. (2005/2006). *Investigação por Inquérito*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- American Psychiatric Association (2002). *DSM-IV-TR Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (5ª ed., J. Almeida, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores. (Original publicado em 2000).
- Bahls, F. R. C. e Ingbermann, Y. K. (2005). Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 22 (4), 395-402.
- Boni, V. e Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2 (1), 68-80.
- Brusamarello, T., Sureki, M., Borrile, D., Roehrs, H. e Maftum, M. A. (2008). Consumo de drogas: concepções de familiares de estudantes em idade escolar. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 4 (1).
- Brusamarello, T., Maftum, M.A., Mazza, V. A., Silva, A. G., Silva, T. L. e Oliveira, V. C. (2010). Papel da família e da escola na prevenção do uso de drogas pelo adolescente estudante. *Ciência, Cuidado e Saúde*. 9 (4), 766-773.
- Carvalho, A., Lemos, E., Raimundo, F., Costa, M. e Cardoso, F. (2007). Caracterização do consumo de substâncias psicoativas numa população escolar. *Revista Toxicodependências*, 13 (3), 31-36.
- Chiapetti, N. (2003). Comportamento de risco em pré-adolescentes e contextos de convivência: influência do contexto escolar. *Revista eletrônica de Psicologia*. [Em linha]. Disponível em <<http://www.utp.br/psico.utp.online/>>
- Decreto-Lei n.º 15/93 de 22 de Janeiro. Diário da República. Publicado no DR 18, Série I de 1993-01-22.
- Demant, J. e Houtte, M. V. (2012). School Belonging and School Misconduct: The differing role of teacher and peer attachment. *J Youth Adolescence*, 41, 499-514.
- Doron R. e Parot, F. (1998). Dicionário Akal de Psicologia. [Em linha]. Disponível em <<http://www.google.pt/books?id=-Lpcd8fg88AC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>> [Consultado em 10/07/2013]
- Eccles, J. S., Midgley, C., Wigfield, A., Buchanan, C. M., Reuman, D., Flanagan, C. e Iver, D. M. (1993). Development during adolescence. *American Psychologist*, 48 (2), 90-101.

- Escohotado, A. (2002). *Historia general de las drogas* (5ª Ed.). Madrid: Espasa Calpe.
- Feijão, F. e Lavado, E. (2004). Evolução do consumo de drogas na adolescência – rutura ou continuidade? *Toxicodependências*, 10 (3), 31-47.
- Fonte, C. (2006). Comportamentos aditivos: conceito de droga, classificações de drogas e tipos de consumo. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*. Porto, edições Universidade Fernando Pessoa.
- Hawkins, J., Catalano, R., & Miller, J. (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: Implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin*, 112 (1), 64-105.
- Jessor, R. (1991). Risk behavior in adolescence: A psychosocial framework for understanding and action. *Journal of Adolescent Health*, 12, 597-605.
- Jinez, M. L. J., Souza, J. R. M e Pillon, S. C (2009). Uso de drogas e fatores de risco entre estudantes de ensino médio. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 17 (2).
- Lei n.º 30/2000 de 29 de Novembro. Diário da República. Publicado no DR 276, Série I de 2000-11-29.
- Loeber, R., e Farrington, D. (2000). Young children who commit crime: Epidemiology, developmental origins, risk factors, early interventions, and policy implications. *Development and Psychopathology*, 12 (4), 737-762.
- National Institute on Drug Abuse (1995). *Adolescent Drug Abuse: clinical assessment and therapeutic interventions*. Rockville, U.S. Department of Health and Human Services.
- National Institute on Drug Abuse (2003). *Preventing Drug Abuse among Children and Adolescent: a research-based guide for parents, educators and community leaders* (2ªEd.). Maryland, U.S. Department of Health and Human Services.
- Negreiros, J. (1983). O consumo de drogas na adolescência: considerações sobre a sua etiologia e prevenção. *Jornal de Psicologia*, 2 (5).
- Nunes, L. M. (2010). Delinquência e consumo de drogas: risco, protecção e prevenção. *Revista de reinserção social e prova*, (5).
- Nunes, L. M. e Jóluskin, G (2007) O uso de drogas: breve análise histórica e social. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. Porto, edições Universidade Fernando Pessoa.
- Nunes, L. M. e Jóluskin, G. (2010). *Drogas e comportamentos de adicção* (2ªEd.). Porto, edições Universidade Fernando Pessoa.

- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (2012). *Relatório anual 2012. A evolução do fenómeno da droga na Europa*. Luxemburgo, OEDT
- Pacheco, J. E. P., Murcho, N. A. C., Jesus, S. N. e Pacheco, A. S. R. (2009). Factores de risco e de proteção das toxicodependências em crianças e jovens adolescentes: contributos para a sua compreensão. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 17 (1), 33-38.
- Peele, S. (1987). What Can We Expect from Treatment of Adolescent Drug and Alcohol Abuse? *Pediatrician*, 14, 62-69
- Pinheiro, A., Picanço, P. e Barbeito, J. (2011). A realidade do consumo de drogas nas populações escolares. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 27, 348-55
- Ribeiro, J. S. (1998). Dependência psicológica versus dependência física? *Toxicodependências*, 4 (2), 45-53.
- Ribeiro, J. S. (2001). Tornar-se toxicodependente: opção ou fatalidade? *Toxicodependências* 7 (3), 73-78.
- Schenker, M., e Minayo, M. (2005). *Fatores de risco e de protecção para o uso de drogas na adolescência*. *Ciências e Saúde Colectiva*, 10 (3), 707-717.
- Schenker, M., e Minayo, M. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciências e Saúde Colectiva*, 8 (1), 299-306
- Schuckit, M. A. (1998). *Abuso de álcool e drogas*. (J. Almeida, Trad.). Lisboa, Climepsi (Original publicado em 1995).
- Sznitman, S. R., Dunlop, S. M., Nalkur, P., Khurana, A. e Romer, D. (2012). Student Drug Testing in the Context of Positive and Negative School Climates: Results from a National Survey. *J Youth Adolescence*, 41, 146–155.
- Tillman, K. (2006). Factores de riesgo socioculturales. In A. Serrano (Ed.), *Acoso y violència en la escuela* (pp. 187 – 211). Barcelona: Editorial Ariel
- Turbin, M., Jessor, R., Costa, F., Dong, Q., Zhang, H., e Wang, C. (2006). Protective and risk factors in health-enhancing behavior among adolescents in China and the United States: Does social context matter? *Health Psychology*, 25 (4), 445-454.

Anexos

Anexo A

Pedido de autorização para a realização de investigação

Daniela Sorares

Rua:.....

Porto

Exmo(s). Sr(s).

Porto, de de

Assunto: Pedido de autorização para realização de investigação

Daniela Soares, portadora do bilhete de identidade....., contribuinte....., residente na, Aluna da Universidade Fernando Pessoa, vem por este meio solicitar autorização para desenvolver o seu estudo, com os alunos do 10º ao 12º anos, nas instalações dessa instituição.

O estudo, intitulado “*Avaliação do consumo de drogas em meio escolar*”, será desenvolvido entre Outubro de 2014 e Maio de 2015, sendo que a recolha de dados se realizará entre Janeiro e Março de 2015. Todos os procedimentos éticos serão observados com cada um dos alunos inquiridos.

Sem mais, atentamente,

Responsável pela investigação: _____

(Daniela Soares)

Anexo B

Declaração de consentimento informado

Declaração de consentimento informado

Eu, abaixo-assinado, declaro que aceito participar no estudo intitulado “*Avaliação do consumo de drogas em meio escolar*”, de que é responsável Daniela Soares, aluna na Universidade Fernando Pessoa.

Declaro que, antes de optar pela minha participação, tomei conhecimento dos objetivos do estudo, de todos os aspetos que considerei importantes para a minha decisão e do que tenho de fazer para participar. Fui também informado(a) da duração esperada e dos procedimentos do estudo, tendo-me sido dadas garantias de anonimato e de confidencialidade, além de que me foi transmitido o direito que me assiste de recusar participar ou de cessar a minha participação, em qualquer momento, sem quaisquer consequências para mim.

Tendo compreendido todas as informações que me foram dadas a respeito, e tendo tido a oportunidade de colocar todas as questões que considerei necessárias, aceito participar voluntariamente, colaborando com total sinceridade

Assinatura

___ de _____ de 2013

Anexo 2

Questionário – Consumo de drogas

Questionário

(Daniela Soares, 2013)

Universidade Fernando Pessoa

Com este questionário pretende-se recolher informações acerca do consumo de substâncias em contexto escolar com o objetivo de avaliar a dimensão da problemática.

A participação neste estudo é voluntária.

Apenas os inquiridores envolvidos no projeto terão acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais e anónimas. Por favor, não escreva o seu nome ou outro elemento de identificação em nenhuma das páginas apresentadas.

O preenchimento dos questionários terá a duração aproximada de 10 minutos.

Por favor, leia com atenção cada questão do questionário. Antes de começar o seu preenchimento certifique-se que vê esclarecidas quaisquer dúvidas que possa ter.

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

1. Sexo:

Masculino

Feminino

2. Idade: ____ anos

SITUAÇÃO ESCOLAR

3. Ano que frequentas

10º ano 11º ano 12º ano

4. Gostas da tua escola?

Sim Não

4.1. Explica porquê.

5. Classifica o grau o teu relacionamento com os teus professores.

Muito mau Mau Razoável Bom Muito Bom

5.1. Explica porquê.

INFORMAÇÃO SOBRE DROGAS E CONSUMOS

6. Tens conhecimento de colegas teus que consomem drogas?

Sim Não

7. Tens conhecimento do consumos de drogas na escola?

Sim Não

7.1. Se respondeste sim, refere quais:

7.2. Se respondeste sim, refere em que locais da escola:

7.3. Se respondeste sim, refere em que circunstâncias (com quem, quando, etc):

8. Refere alguns motivos que consideres que estejam na origem desses consumos de drogas.

- a. _____
- b. _____
- c. _____
- d. _____
- e. _____

9. Alguma vez experimentaste alguma droga?

Sim Não

9.1. Se respondeste sim, refere quais:

9.2. Se respondeste sim, diz desde há quanto tempo consomes:

9.3. Se respondeste sim, diz com que frequência consomes:

1 ou 2 vezes por ano

1 ou 2 vezes por semestre

1 ou 2 vezes por mês

1 ou 2 vezes por semana

1 ou 2 vezes por dia

10. Diz onde costumás consumir

11. Diz em que circunstâncias costumás consumir.

Sozinho

Grupo de amigos

Colegas escola

Familiares (irmãos, primos, ...)

Outras pessoas

Quais: _____

Obrigada pela tua colaboração!